APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

A visibilidade dos anônimos

O seminário *A visibilidade dos anônimos*, realizado pelo grupo de pesquisa Mídia e Narrativa, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em novembro de 2013, reuniu pesquisadores do país para debater, entre outros temas, as inscrições das multidões, os contrapontos e passagens entre o anonimato e a vida célebre, a redistribuição de lugares midiáticos na contemporaneidade. Seu cartaz – essa mídia tão cara às jornadas de junho do ano passado, como bem investiga um dos artigos deste dossiê (*Trilha na batalha dos cartazes*, de Ercio Sena) – trazia o conhecido quadro de Monet, *Boulevard des capucines*. Como se sabe, a pintura impressionista foi controversa em sua época (1874) por “devorar identidades” e privilegiar a indistinção dos passantes, colocando em relevo, no pictórico, a relação entre multidão e anonimato que caracterizou a modernidade.

Desde o século XVI, a ideia primeira de “multidão” (e depois a de “massa”), como recuperou Raymond Williams, possui sentidos complexos. Em geral, no entanto, ou eles estão atrelados a uma vertente conservadora, que vê a multidão como “súcia” e “um monstro de muitas cabeças”, ou a uma perspectiva revolucionária, que a tem como força social positiva, na conquista de uma unidade solidária e transformadora. Dessa última distinção, emerge uma série de questões acerca das formas de representação dos anônimos, dissolvidos na multidão. Como jogar luz sobre eles, conferindo-lhe singularidade, sem desvalorizar projetos coletivos? Em que medida reportagens, filmes, telenovelas, seriados, entre outras narrativas midiáticas, constroem dispositivos potentes que tornam os anônimos de fato visíveis, por meio de novos arranjos e lugares de fala? O que vem a ser, afinal, o anonimato midiático, hoje, e como ele é problematizado nas chamadas mídias dominantes?

A palestra que abriu o evento e cujo texto inicia também este dossiê, *Fábulas da vida obscura: imagens técnicas e anonimato*, de Vera Lúcia Follain de Figueiredo, constrói um importante campo polêmico, por meio da discussão do alcance da

dicotomia visibilidade/invisibilidade. Nesse artigo, a autora colide principalmente a reivindicação de Rancière pelo espetáculo que se nega à fixidez dos lugares com a de Ricardo Piglia, que percebe, na herança guevarista latino-americana, a invisibilidade como trincheira que “viabiliza a luta quando o equilíbrio de forças é extremamente desfavorável para o lado dos que se insurgem contra a injustiça”.

A seguir, dividimos o dossiê em duas grandes unidades. A primeira delas reúne os textos que examinam formas midiáticas de enunciação e o modo como elas movem esteticamente os anônimos, no enlace entre narrativa e sociedade. Em *Formas bastardas: reportagem e vida anônima*, busquei discutir, a partir da investigação da própria noção de bastardia, o modo como a condição “impura” do gênero articula-se, em diversos momentos, com seu caráter de texto de intervenção, orientado para a vida social anônima, em sua precariedade. A reportagem instauraria, assim, uma noção própria do “sensível”. Samuel Paiva retoma, em *Da literatura ao cinema: anotações sobre A dialética da malandragem*, o clássico ensaio de Antonio Candido para indicar prováveis repercussões da figura do malandro em filmes como *Iracema, uma transa amazônica*, *Bye bye Brasil* e *Deus é brasileiro*. A partir do exame de uma das obras mais adaptadas para cinema e teatro, Glória Gomide investiga, em *Os miseráveis de Victor Hugo: a invisibilidade através do nome*, o modo como as identidades são sempre forjadas conforme a situação dramática, dependendo das oportunidades para o disfarce na multidão.

Os dois textos seguintes abordam a expansão, nos últimos anos, dos núcleos suburbanos e seus personagens nas narrativas televisivas brasileiras. Lígia Lana investiga, em *A popularização da periguetagem em telenovelas brasileiras recentes*, a moral relacionada a esta que já se tornou um “tipo” ficcional recorrente e que, para a autora, explicita, em sua busca pela vida bem-sucedida, as faltas no discurso meritocrático brasileiro. A chamada família Adams do Irajá é, por sua vez, tratada por Mário Viggiano, em *As micro-histórias e os regimes de (in)visibilidade dos anônimos em Pé na cova*, seriado escrito por Miguel Falabella, em que se discutem, por meio do *nonsense*, princípios de nossa sociedade.

A segunda unidade possui seu ponto de coerência nas relações que os textos estabelecem entre mídia e manifestação. Inicia-se com o já referido artigo de Ercio Sena, que analisa, de dentro das revoltas que aconteceram nas grandes cidades brasileiras,

em junho, os cartazes e as reivindicações que deram eixo àquelas jornadas. O segmento traz, ainda, o artigo de Carlos Henrique Pinheiro, *Entre lideranças e "caras tapadas": a grande imprensa contra o anonimato dos manifestantes*. Partindo de um *fanzine* distribuído em ocupações e que, já então, defendia o uso de máscaras, o texto contrapõe a esse anonimato requerido pelos manifestantes o discurso de algumas publicações (em revista e site) da mídia dominante, que buscaram singularizar um rosto e uma voz que representassem os movimentos. O texto de Fernanda Medeiros, *Em tempos de midiatização e manifestação, quanto vale o engajamento de uma celebridade?*, busca compreender como se deram as participações de famosos nesses mesmos protestos. A partir da noção de dificuldade ou mesmo incapacidade de um rosto célebre se integrar ao anonimato das multidões, o artigo aponta algumas características dessas relações, assim como a reação a elas por parte do público, que, em alguns casos, transformou em *meme* parodístico aquilo que entendeu como oportunismo midiático. A unidade fecha-se com *ABC da greve, de Leon Hirszman: a câmera, o povo, a política*, de Pedro Vaz Perez. Nesse artigo, o autor problematiza, no documentário realizado em 1979, mas apenas lançado em 1990, as questões relacionadas a um cineasta imerso em um fenômeno popular e que busca nele um filme de intervenção, à guisa de um ensaio audiovisual político, construído na síntese dialética da greve geral.

Gostaria, enfim, de agradecer a todos aqueles que participaram da organização do evento, mediaram mesas ou contribuíram como autores neste dossiê. Ao CNPq, que financia o projeto de pesquisa *Da visibilidade midiática dos anônimos: narrativas de vidas ignotas*. A Lígia Lana, pela leitura atenta dos originais. A Fernanda Medeiros e Carlos Henrique Pinheiro, que trabalharam na primeira fase de preparação dos textos. E, por último, mas verdadeiramente não menos importante, à revista Rumores, que acolheu a ideia deste dossiê e permitiu que nossos textos circulassem em conjunto, dando-lhes força coesiva.

Marcio Serelle

Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)

Março de 2014